



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MAÍRA GABRIELA SANTANA DO NASCIMENTO

MÉTODOS DE ENSINO DO VOLEIBOL NO ÂMBITO ESCOLAR

RECIFE

2019

MAÍRA GABRIELA SANTANA DO NASCIMENTO

MÉTODOS DE ENSINO DO VOLEIBOL NO ÂMBITO ESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Barbosa Vieira.

RECIFE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

N244m Nascimento, Maíra Gabriela Santana do
Métodos de ensino do voleibol no âmbito escolar / Maíra
Gabriela Santana do Nascimento. – 2019.
58 f. : il.

Orientadora: Ana Luiza Barbosa Vieira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação Física,
Recife, BR-PE, 2019.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Esportes 2. Voleibol 3. Ensino – Metodologia 4. Educação
física para crianças I. Vieira, Ana Luiza Barbosa, orient. II. Título

CDD 613.7

MAÍRA GABRIELA SANTANA DO NASCIMENTO

MÉTODOS DE ENSINO DO VOLEIBOL NO ÂMBITO ESCOLAR

Trabalho de monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção parcial do grau de Licenciada em Educação Física.

Aprovado em 22 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ana Luiza Barbosa Vieira
Orientadora

Prof. Dr. Ricardo Bezerra Torres Lima
Examinador I

Prof^a. Dr^a. Rosângela Cely Branco Lindoso
Examinador II

RECIFE

2019

Dedico este trabalho a minha mãe, a minha avó e ao meu tio, que me incentivaram desde a infância para alcançar essa conquista. E aos meus professores por toda a dedicação durante a formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por guiar a minha vida, protegendo e iluminando os meus caminhos, e sem Ele nada seria possível.

Agradeço a minha mãe, a minha avó e ao meu tio, por todos os ensinamentos transmitidos desde o meu nascimento, por todo o amor e toda a dedicação.

Agradeço a Allana, Lucy e Graça, por toda ajuda, força e confiança depositadas em mim.

Agradeço a Flavio, que esteve ao meu lado durante esse processo, obrigada por todo amor, cuidado e companheirismo. Que continuemos crescendo juntos, amo você.

Agradeço à professora Ana Luiza, por todo apoio e confiança, por contribuir significativamente para a conclusão desse ciclo, me ajudando na construção desse estudo.

Agradeço ao professor Ricardo Lima, por todos os ensinamentos, por contribuir na minha formação acadêmica e por aceitar compor a minha banca avaliadora.

Agradeço à professora Rosângela Lindoso, que me acompanhou durante a minha trajetória acadêmica desde o PIBID, e por aceitar compor a minha banca avaliadora.

Agradeço ao professor Eduardo Jorge, por todos os ensinamentos e palavras para apoio durante o processo de formação.

Agradeço a todos os professores que estiveram presentes durante a minha caminhada no curso, possibilitando a minha participação em projetos de extensão, projetos de pesquisa e de monitoria, contribuindo para o meu crescimento acadêmico.

Agradeço a todos do PIBID, que me auxiliaram e vivenciaram momentos essenciais para a minha formação. Amigos que ganhei durante a jornada, entre eles: Cintia Cardoso, Rodrigo Bezerra, Andrea Maria, Izabelly Lins e Lucas Mendes, meu muito obrigado.

Agradeço aos meus amigos do Diretório Acadêmico, Coletivo Existir é Resistir, que me ensinaram a importância de estarmos organizados politicamente, em especial Jennifer Cruz, João Victor, Marcelo Gomes, Anna Rita e Nayne Thauane.

Agradeço a todos os amigos de turma e amigos que ganhei durante a formação, desejo sucesso e quero vocês presentes na minha vida.

Agradeço a Mayara Sequeira e Sabrina Anacelly por me ensinarem a nadar e por todo o apoio.

Agradeço a Arthur Santana e Lucas Correia por todo o incentivo e auxílio nessa reta final.

Agradeço aos amigos do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Física e Esporte (NEPEFE), por todas as oportunidades de crescimento e qualificação acadêmica.

Agradeço a todos os funcionários da UFRPE, com destaque aos do Departamento de Educação Física que de alguma forma contribuíram na minha trajetória.

Muito obrigada e sigamos na luta!

*“Não importa o que fizeram com você. O que importa é
o que você faz com aquilo que fizeram com você”.*

(Jean-Paul Sartre)

RESUMO

Este trabalho buscou evidenciar o método de ensino do voleibol utilizado na prática pedagógica de professores e treinadores, compreendendo os desafios e as possibilidades no ensino da referida modalidade. A pesquisa foi realizada a partir do método qualitativo com a aplicação de um questionário semiestruturado com dezesseis professores e treinadores, de escolas públicas e privadas da cidade do Recife. O questionário objetivou inquirir acerca dos seguintes aspectos: os métodos de ensino utilizados no processo de ensino do voleibol, a ordenação dos gestos técnicos utilizados e as dificuldades e possibilidades para o ensino do voleibol. Os resultados nos mostram que os participantes conhecem os diversos métodos de ensino, e em grande maioria, utilizam o método de ensino do minivoleibol, buscando proporcionar a ampliação dos conhecimentos dos alunos, com atividades favoráveis ao desenvolvimento afetivo, social e cognitivo. Conclui-se que o estudo contribuiu para ampliação dos conhecimentos acerca da utilização do método de ensino do voleibol, em aulas de educação física e em escolinhas de iniciação, enriquecendo a discussão sobre o tema e contribuindo com a produção do conhecimento no campo da Educação Física.

Palavras-chave: Método de ensino; Prática pedagógica; Esporte; Voleibol.

ABSTRACT

This work aimed to highlight the method of teaching volleyball used in the pedagogical practice of teachers and coaches, understanding the challenges and possibilities in teaching the said modality. The research was carried out from the qualitative method with the application of a semi structured questionnaire with sixteen teachers and coaches, from public and private schools in the city of Recife. The questionnaire aimed to inquire about the following aspects: the teaching methods used in the volleyball teaching process, the ordering of the technical gestures used and the difficulties and possibilities for teaching volleyball. The results show that the participants know the different teaching methods, and in great majority, they use the method of teaching mini volleyball, seeking to increase the knowledge of students, with activities favorable to affective, social and cognitive development. It is concluded that the study contributed to increase the knowledge about the use of the volleyball teaching method, in physical education classes and in initiation schools, enriching the discussion about the theme and contributing to the production of knowledge in the field of Physical Education.

Keywords: Method of teaching; Pedagogical practice; Sport; Volleyball

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFRPE: CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	13
3 VOLEIBOL NA ESCOLA: A IMPORTÂNCIA NA ESCOLHA DO MÉTODO DE ENSINO	18
4 DO JOGO AO ESPORTE: A UTILIZAÇÃO DO MINIVOLEIBOL COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DO VOLEIBOL.....	23
5. DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ESPORTE NA ESCOLA	27
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	31
6.1 PARTICIPANTES	31
6.2 MEIOS E INSTRUMENTOS	33
6.3 RECOLHA DOS DADOS	34
6.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	34
6.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	34
7 REFLEXÕES A RESPEITO DA UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE ENSINO DO VOLEIBOL NO ÂMBITO ESOLAR.....	35
7.1 O MÉTODO ESCOLHIDO	35
7.2 RAZÕES PARA ADOTAR UM MÉTODO DE ENSINO	37
7.3 A ORDENAÇÃO DOS FUNDAMENTOS DO VOLEIBOL.....	39
7.4 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO PROCESSO DE ENSINO DO VOLEIBOL.....	40
7.4.1 A falta de acervo motor	40
7.4.2 Desinteresse dos alunos	41
7.4.3 A falta de recursos materiais.....	42
8 COMO VENCER AS DIFICULDADES	44
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
11 APENDICÊS	53

1 INTRODUÇÃO

O jogo de Voleibol é constituído por algumas características que o diferencia dos demais jogos coletivos com bola (como por exemplo, o futebol, futsal, basquete, handebol), uma vez que o jogador lida com questões ao longo do jogo, como por exemplo, não pode reter (segurar) a bola, e ter que rebatê-la com partes do corpo. Assim como, a não utilização de implementos (como raquetes, utilizados em alguns jogos “com rede”, como o tênis e o badminton), o sujeito deve utilizar gestos “construídos”/ “não naturais”, como o “toque” e a “manchete”, para direcionar a bola aos colegas de equipe e aos da equipe contrária, por sobre a rede. A responsabilidade é grande e permanente, uma vez que o erro num dos gestos, ocasiona o ponto adversário, que pode ser o ponto decisivo do set ou do jogo (BOJIKIAN & BOKIKIAN, 2008; BORSARI, 2010).

A história recente do voleibol, confirma que esta preocupação pode ser verificada ao longo da década de 1970, quando a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) e federações filiadas, como a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), reuniram-se através de um simpósio para refletir sobre as dificuldades que a prática do Voleibol estava enfrentando, a saber: (I) abandono precoce da prática, por parte dos atletas, assim como, (II) os professores estavam evitando o ensino da referida modalidade, considerando as dificuldades em ensinar o jogo de Voleibol. A partir dos depoimentos e das reflexões efetivadas no referido encontro, entre os variados representantes de todo o mundo, estabeleceram um método de ensino-aprendizagem a ser difundido e adotado: o minivoleibol, que não seria apenas uma redução do jogo dessa modalidade. Tratava-se basicamente de uma organização metodológica, onde um somatório de sequências pedagógicas seria inserido no contexto de pequenos jogos, para auxiliarem no processo de iniciação ao Voleibol (BAACKKE, 1972).

O interesse em torno da temática surgiu a partir de nossas experiências e inquietações frente às atividades da escolinha de voleibol (Projeto de Extensão: Escolinha de Voleibol - Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE), pelo Departamento de Educação Física (DEFIS) ao longo do segundo semestre de 2017, que tinha como finalidade a inclusão do esporte a crianças e adolescentes de uma comunidade localizada no entorno da UFRPE.

Assim, partindo das vivências no projeto de extensão, decidimos aprofundar nossa procura por respostas mais adequadas aos nossos questionamentos relacionados ao processo de iniciação do Voleibol, através do problema: quais os métodos utilizados no processo

ensino-aprendizagem do jogo de voleibol, pelos professores/treinadores nas aulas de Educação Física e nas escolinhas de iniciação ao voleibol, em escolas públicas e privadas da cidade do Recife?

Tendo como base a problemática citada, a pesquisa busca analisar os métodos utilizados no processo ensino-aprendizagem do jogo de voleibol junto aos aprendizes, pelos professores/ treinadores de educação física nas aulas de educação física e nas escolinhas de iniciação ao voleibol, em escolas públicas e privadas da cidade do Recife, a partir das respostas dos participantes.

Como objetivos específicos, buscou-se:

a) Identificar os métodos de ensino do jogo de voleibol apresentados na literatura voltados para as aulas de educação física escolar e para as escolinhas de iniciação desportiva;

b) Verificar quais métodos de ensino são utilizados nas aulas de educação física escolar, pelos professores de educação física, e em escolinhas de voleibol, pelos treinadores desta modalidade, atuantes em escolas da rede pública e privada da cidade do Recife.

Para alcançar os objetivos, realizamos um estudo teórico sobre as ideias de alguns pesquisadores acerca do ensino do esporte. A partir das leituras, a pesquisa se encontra organizada da seguinte forma: Capítulo I: Extensão Universitária na UFRPE: Contribuições na formação acadêmica; Capítulo II: Voleibol na escola: a importância na escolha do método de ensino; Capítulo III: Do jogo ao esporte: a utilização do minivoleibol como estratégia de ensino do voleibol; Capítulo IV: Desafios e possibilidades do esporte na escola.

Sendo assim, a fundamentação teórica serviu como norteador para organizar o trabalho de campo que verificou por meio de questionários, a prática pedagógica de professores e treinadores de escolas públicas e privadas da cidade do Recife.

2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFRPE: CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Antes de adentrarmos no objetivo geral dessa pesquisa, vamos fazer uma ressalva para a importância de projetos de extensão na Universidade, propósito que deu origem ao nosso estudo. Inicialmente, participamos de um projeto de extensão na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) no Departamento de Educação Física, que teve o intuito de levar a inclusão do esporte, mais especificamente do voleibol, a crianças e adolescentes de escolas circunvizinhas à UFRPE, intitulado de "Escolinha de iniciação ao Voleibol na UFRPE".

A extensão universitária se apresenta como um elo entre ensino e pesquisa, possibilitando uma articulação com diversas áreas e preparando o acadêmico para a sua profissão.

A extensão surgiu na Inglaterra do século XIX, com a intenção de direcionar novos caminhos para a sociedade e promover a educação continuada. Nos dias atuais, surge como instrumento a ser utilizado pela Universidade para a efetivação do seu compromisso social. A construção do conceito de extensão tem como base persuadir a Universidade e a comunidade proporcionando benefícios e adquirindo conhecimentos para ambas as partes (RODRIGUES et al., 2013, p.142).

De acordo com Nunes e Silva (2011) a extensão universitária é uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade circunvizinha a instituição, funcionando como uma via de mão dupla, onde a Universidade leva seus conhecimentos e assistência, enquanto a comunidade oferece seus saberes, anseios e aspirações.

Da mesma forma, Alves (2004) defende que a extensão universitária representa um processo vinculado à formação do cidadão, à produção e à troca de conhecimento para a transformação da realidade social, articulando ensino e a pesquisa de forma indissociável por meio de um trabalho inter e transdisciplinar.

A extensão, como prática acadêmica, visa a interligar a universidade em suas atividades de ensino e pesquisa com as demandas da sociedade, buscando respeitar o compromisso social da universidade. A relação entre extensão e pesquisa ocorre, sobretudo, pelo papel que esta passa a desempenhar como (re)criadora de conhecimentos, além de contribuir para a transformação da sociedade (BRÊTAS; PEREIRA, 2007, p.322).

Nesse sentido, os projetos de extensão trazem contribuições tanto para a universidade, englobando docentes e discentes, quanto para a sociedade. De acordo com Nunes e Silva (2011) ao mesmo tempo que a extensão vai possibilitar o acesso ao saber acadêmico, através dela, esse saber retorna a Universidade testado e re-elaborado.

A Extensão Universitária possui papel importante no que se diz respeito às contribuições que pode trazer frente à sociedade. É preciso, por parte da Universidade, apresentar concepção do que a extensão tem em relação a comunidade em geral. Colocar em prática aquilo que foi aprendido em sala de aula e desenvolvê-lo fora dela. A partir do momento em que há esse contato entre o aprendiz e a sociedade beneficiada por ele, acontece por parte dos dois lados, benefícios. Aquele que está na condição do aprender acaba aprendendo muito mais quando há esse contato, pois torna-se muito mais gratificante praticar a teoria recebida dentro da sala de aula (RODRIGUES et al., 2013, p.142).

Na Universidade Federal Rural de Pernambuco, o projeto de extensão funciona por meio das suas instâncias deliberativas, a Pró-Reitoria de Extensão (PRAE) e a Coordenação de Educação Continuada, lotadas na UFRPE/SEDE Dois Irmãos. O programa tem os objetivos de:

- I. Apoiar projetos desenvolvidos pela comunidade acadêmica da UFRPE, que estejam em consonância com a resolução vigente de Extensão;
- II. Estimular a participação de estudantes da UFRPE em Ações de Extensão, com vistas a promover a cidadania e a inclusão social, bem como a aprendizagem mediante relação teoria e prática;
- III. Apoiar projetos, de fortalecimento da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, com foco nas oito áreas temáticas previstas no Plano Nacional de Extensão – PNE: (1) Saúde, (2) Educação, (3) Cultura, (4) Tecnologia, (5) Direitos Humanos, (6) Trabalho, (7) Meio ambiente e (8) Comunicação; e das cinquenta e três linhas de extensão;
- IV. Priorizar a transferência de tecnologias capazes de proporcionar mais sustentabilidade em comunidades localizadas preferencialmente na zona rural do Estado de Pernambuco, a fim de contribuir para a transformação social da comunidade alvo;
- V. Contribuir para a inserção da extensão na concepção e elaboração dos planos pedagógicos e nos currículos dos cursos de graduação da UFRPE, em atendimento à lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprovou o Plano Nacional de Educação –

PNE, e que em sua meta 12, estratégia 12.7 define “assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social”;

VI. Possibilitar a aproximação com instituições parceiras visando o desenvolvimento de projetos de extensão, com vistas à interação transformadora entre universidade e os demais setores da sociedade;

VII. Apoiar projetos desenvolvidos em parceria com representações do poder local dos Municípios, em ações de complementaridade a programas integrantes de políticas públicas locais, regionais e, ou nacionais.

Silva e Vasconcelos (2006) relatam que o projeto de extensão envolve diversos formatos ou modalidade, que se diferenciam principalmente quanto à finalidade, e para melhor compreensão, trazem a definição do Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras:

a) Cursos: ações pedagógicas planejadas e sistematizadas, de caráter teórico e/ou prático, não inseridas na estrutura curricular dos cursos regulares de graduação ou pós;

b) Eventos: ações de interesse acadêmico de cunho educativo, técnico, social, científico, esportivo e artístico, objetivando a divulgação, o desenvolvimento e a ampliação dos conhecimentos produzidos pela Universidade;

c) Projetos: ações contínuas, de caráter educativo, social, cultural, científico e tecnológico, articuladas em função dos interesses das comunidades e que visam a contribuir para a formação acadêmica do aluno pela incorporação de conhecimentos adquiridos em atividades desenvolvidas junto à comunidade;

d) Serviços: trabalho oferecido a terceiros (comunidade ou empresa), incluindo assessorias, consultorias e cooperação interinstitucional, de caráter permanente ou eventual, executadas com técnicas e habilidades inerente às áreas do conhecimento científico (SILVA; VASCONCELOS, 2006, p.122).

Para Alves (2004) a formação profissional significa mais que assimilação dos conhecimentos técnicos de determinada área, representa a promoção do envolvimento crítico e compromissado do indivíduo na construção do conhecimento e na resolução de problemas. Segundo o autor, o sujeito tem autonomia para participar da construção da sua própria realização humana e o projeto de extensão é um espaço de formação:

Por meio da extensão universitária, o estudante pode visualizar momentos que lhe seriam furtados sem esta experiência, e refletir a respeito da relação teoria e prática, indissociabilidade ensino/ pesquisa / extensão e relação universidade e sociedade (ALVES, 2004, p.40).

Do mesmo modo, Santos (2010) afirma que é sábio a aplicação do ensino, pesquisa e extensão na busca da qualidade da educação superior, pois a Universidade deve formar seus profissionais (docentes e discentes) integrando essas atividades, já que a instituição é detentora do conhecimento e o transmite, por meio do ensino.

Através da pesquisa, aprimora os conhecimentos existentes e produz outros novos. Pelo ensino, conduz esses aprimoramentos e os novos conhecimentos aos alunos. Por meio da extensão, pode proceder a difusão, socialização e democratização do conhecimento existente, bem como das novas descobertas à comunidade. A extensão propicia a complementação da formação acadêmica de docentes e discentes universitários, dada nas atividades de ensino e pesquisa, alicerçadas com a aplicação prática. Assim, forma-se um ciclo onde a pesquisa aprimora e produz novos conhecimentos, os quais são difundidos pelo ensino e pela extensão, de maneira que as três atividades tornam-se complementares e dependentes, atuando então de forma sistêmica (SANTOS, 2010, p.13).

Em vista disso, com a extensão universitária é possível estabelecer uma relação com diversos setores da sociedade, como por exemplo com atividades de prestação de serviço; projetos com assistência médica; eventos artísticos e culturais etc. As atividades de extensão são instrumentos eficazes para levar os conhecimentos à parcela da sociedade que não frequenta a Universidade e não tem acesso ao que é produzido pelos cursos e sua comunidade acadêmica (NUNES; SILVA, 2011). Além disso, acrescenta-se também que para inovar os conhecimentos é preciso aprimorar o antigo e aprender com o novo, quando a extensão universitária acontece, os discentes saem da rotina de sala de aula e passam a praticar o que foi aprendido (RODRIGUES et al., 2013). Em concordância, Divino et al., (2013, p.137) afirmam que:

A extensão universitária é uma ação de uma universidade junto à comunidade, através dela, constroem-se novos e diferentes saberes, numa diferenciação entre o saber popular, que seria o da sociedade, o saber científico, que é o das universidades. Além de propiciar aos meios acadêmicos a revisão permanente dos currículos, para alimentar e auxiliar a harmonia entre Sociedade e Universidade.

Divino et al., (2013) também ressaltam que os programas de extensão universitária têm a sua importância para assim existir a relação entre a instituição e a sociedade, se concretizam a partir dessa interação, e por meios de práticas do cotidiano que se relacionam

com o ensino e a pesquisa, desenvolvem os processos de ensino-aprendizagem, pelo fato de poder confrontar a teoria científica com a realidade social.

Como podemos perceber, a extensão tem um papel importante na Universidade, tanto para a sua comunidade acadêmica, como para a sociedade, estabelecendo uma relação com entre esses meios. Sendo assim, acreditamos que um projeto de extensão é transformador, por formar cidadãos comprometidos com a transformação da realidade social.

A extensão universitária deve atuar como elo entre a universidade e a sociedade, sobretudo com os segmentos menos favorecidos. Por meio de diversas ações distribuídas em várias áreas temáticas como educação, saúde, comunicação, cultura, meio ambiente, direitos humanos, tecnologia e trabalho. A esperança é que a extensão universitária, muitas vezes relegada a um lugar periférico, seja dinamizada e ocupe a melhor dimensão no contexto da universidade (NUNES; SILVA, 2011, p.130).

3 VOLEIBOL NA ESCOLA: A IMPORTÂNCIA NA ESCOLHA DO MÉTODO DE ENSINO

Sabemos que é de extrema importância a escolha do método de ensino que será utilizado pelo professor, para subsidiar suas aulas, pois a partir dessa escolha, o procedimento dará suporte para a concretização dos seus objetivos. Segundo Libâneo (1999) os métodos de ensino são as ações que o professor realizará para organizar as atividades de ensino em relação a um conteúdo, para atingir os objetivos do seu trabalho.

O ponto de partida do esporte na escola teria como premissa a necessidade de reavaliar as metodologias de ensino. Seria necessário questionar o esporte enquanto necessidade reafirmada pelo gosto e o prazer dos alunos na sua prática. O esporte é parte integrante da cultura mundial, promovendo benefícios físicos, psicológicos e sociais; entretanto, deve ser ensinado de forma gratificante, respeitando a individualidade e o interesse dos alunos, e ainda considerando o seu caráter multidimensional (COSTA; NASCIMENTO, 2004, p.50).

Além de conseguir aprimorar suas habilidades, o aluno deve compreender as aulas, tendo a capacidade de participar, questionar e argumentar as atividades que são realizadas e estimuladas pelo professor.

Não se pode pensar o ensino e o aprendizado apenas para futuros atletas, mas um aprendizado eficiente para todas as crianças e jovens, pois a eficiência no ensino e aprendizagem constitui diferencial para a ampliação da motivação para o esporte de lazer e, conseqüentemente, para uma vida mais saudável (CASAGRANDE, 2012, p.37).

Para o ensino do jogo de voleibol, podemos apontar diversos métodos de ensino, como por exemplo: o (I) ensino dos esportes através do Método Tradicional, que se caracteriza por decompor em partes os elementos da modalidade, reunindo-as à medida que se atinge um nível de domínio até chegar no jogo propriamente dito. Dessa forma, Greco (1998) afirma que o referido método é centralizado no desenvolvimento das habilidades técnicas, que devem ser aprendidas, inicialmente fora do contexto de jogo, para que depois possam ser progressivamente aplicadas às situações reais de jogo.

Dando continuidade aos métodos de ensino para o jogo de voleibol, verificamos o (II) Método Global que propõe a iniciação a partir do todo, pelo jogo, para a seguir, chegar às partes, aos gestos técnicos (PAES, 2009), ou seja: o início do processo para aprender-se a jogar, acontece deixando que os aprendizes joguem (MESQUITA, 2000).

Caracteriza-se pelo “aprender jogando”. No caso dos jogos coletivos esportivizados é aquele método que parte dos jogos pré-desportivos para o

jogo propriamente dito, utilizando-se inicialmente de formas de jogo menos complexas, onde as regras vão sendo introduzidas paulatinamente (REIS, 1994, p.10).

Outro método de ensino, é o (III) Situacional, que de acordo com esse método, o aprendiz deve adquirir uma capacidade geral do jogo, experimentando diferentes vivências de movimento, sem serem pressionados psicologicamente. Estes jogos devem ser apresentados de forma que os praticantes vivenciem situações o mais próximo possível da realidade do jogo (GRECO, 2001), incluindo a ênfase em brincadeiras em variados contextos, como na rua, por exemplo (KROGER & ROTH, 2002).

[...] caracterizada como uma opção metodológica ativa, enfatiza o desenvolvimento da compreensão tática e dos processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão procurando evitar que os praticantes sejam condicionados a um desgastante processo de ensino da técnica e a uma especialização precoce na modalidade, excluindo a oportunidade de desenvolver e promover uma cultura esportiva apoiada na diversidade (PINHO et al. 2010, p.581).

O (IV) Teaching Games for Understanding – TGFU, assemelha-se a um estilo de ensino de descoberta guiada, em que o aluno é exposto a uma situação de jogo com os seus problemas táticos e é estimulado a procurar, verbalizar, discutir, explicar as soluções auxiliado pelas questões estratégicas do professor, com o objetivo de trazer a resolução do problema e respectivas soluções para um nível de compreensão consciente e de ação intencional sobre a tática do jogo (GRAÇA & MESQUITA, 2007). Para o ensino do TGFU, Casagrande apud Bunker e Thorpe (1982) apontam quatro princípios pedagógicos, sendo eles:

I) a seleção do tipo de jogo (game sampling); II) a modificação do jogo por representação (formas de jogo reduzidas representativas das formas adultas de jogo); III) a modificação por exagero (manipulação das regras de jogo, do espaço e do tempo de modo a canalizar a atenção dos jogadores para o confronto com determinados problemas táticos); IV) o ajustamento da complexidade tática (o repertório motor que os alunos já possuem deve permitir-lhes enfrentar os problemas táticos ao nível mais adequado para desafiar a sua capacidade de compreender e atuar no jogo) (CASAGRANDE, 2012, p.52).

Do mesmo modo, Graça e Mesquita (2007) acreditam que o TGFU entende o papel do aluno no processo de aprendizagem, colocando o aprendiz como construtor ativo das suas aprendizagens, valorizando os processos cognitivos, de percepção, tomada de decisão e compreensão. Afirmam também, que o método de ensino, não é um modelo cristalizado, é

um modelo aberto ao diálogo com outras perspectivas teóricas sobre curriculum, instrução relação pedagógica e aprendizagem.

Por outro lado, o (V) Método de Ensino do Minivoleibol, é uma organização metodológica onde uma sequência pedagógica é inserida no contexto de pequenos jogos, para auxiliarem no processo de iniciação ao voleibol. Se organiza com o espaço da quadra reduzido, colaborando para a participação simultânea de vários alunos; e o seu processo é centrado no aprender brincando e jogando, com exercícios interessantes para os praticantes. Caracteriza-se também de uma forma que os partícipes têm um maior contato com a bola e com situações problemas, pois as ações mais complexas do jogo, são reduzidas a jogos simplificados, auxiliando no processo de iniciação ao voleibol (BAACKE, 1972; BAACKE, 1975; BAACKE, 1989).

Como o Mini-Voleibol se adapta a criança em suas dimensões e regras, os objetivos do jogo são mais facilmente atingidos e torna-se divertido e prazeroso à sua prática (ALMEIDA, 2006, p.17).

Nesse mesmo sentido Pirolo (1997) defende que iniciar o ensino-aprendizagem do voleibol através do minivoleibol, facilitará o desenvolvimento motor da criança, possibilitando o professor distribuir diferentes responsabilidades durante o jogo aos alunos, transmitindo uma visão geral das funções do jogo.

O que pudemos perceber até agora, é a existência de diversas formas de ensinar o voleibol, métodos de ensino que irão subsidiar o professor para organizar e realizar suas aulas, dependendo do objetivo da sua prática pedagógica. Para Bojikian e Bojikian (2012) qualquer modalidade esportiva quando trabalhada por bons profissionais, pode ser utilizada como instrumento de educação, incluindo tanto o esporte educacional, quanto o esporte de rendimento.

Ora, se um professor de Educação Física quiser dar sua parcela de contribuição para que formemos em nosso país cidadãos mais conscientes, participativos, responsáveis e honestos, faz-se necessário que em suas aulas, para crianças e adolescentes, sejam praticados valores comportamentais, de modo que propicie aos estudantes crescimento e desenvolvimento, praticando princípios da boa cidadania. A prática de atividades físicas que requeiram equilíbrio emocional, confiança, motivação, perseverança, espírito crítico e competitivo, melhora da autoestima, participação, comprometimento, responsabilidade, respeito ao próximo e à coisa coletiva, pensamento crítico, solidariedade e tolerância

pode ser de muita valia para que os nossos estudantes cresçam já como cidadãos (BOJIKIAN & BOJIKIAN, 2012, p.22).

Para Rangel e Darido (2005) no ambiente escolar ou em escolinhas que trabalhem a iniciação, várias adaptações podem ser feitas com o objetivo de adequar às características dos alunos, essas ações poderão contribuir para a compreensão do que venha a ser o esporte.

Tendo em vistas as diversas possibilidades de adaptação, os alunos devem compreender, através da vivência e também da construção e desconstrução das regras, que o esporte caracteriza-se como um campo de ação aberto, e a atribuição de sentidos e significados pode ser orientada a objetivos tais como a satisfação de um prazer intrínseco, uma atividade com fins sociais, uma vivência voltada à aquisição e manutenção da saúde, entre outras possibilidade (DARIDO; RANGEL, 2005, p.190).

Da mesma forma, Moreira e Pereira (2008) afirmam que um dos objetivos da educação física é o de capacitar o aluno para que a prática do esporte seja para toda a vida, que as aulas não sejam voltadas apenas para os jogos esportivos regulamentados. As autoras ainda relatam que as aulas de educação física não devem focar no esporte como formação de atletas mirins, enfatizando a competição e excluindo os menos habilidosos, mas sim, contribuir para que os alunos adquiram informações para a prática, envolvendo sempre o processo de aprendizagem de novas habilidades.

O voleibol é uma modalidade esportiva coletiva apresentando na sua essência o jogo, fator que socioculturalmente motiva e estimula as pessoas, mostrando-se muito favorecido e propício o desenvolvimento da sua prática. Porém, apresenta-se preocupante o ensino da modalidade esportiva voleibol na escola sem um procedimento metodológico apropriado, tendo o objetivo voltado apenas para a assimilação de gestos técnicos. Dessa forma, não ocorre o direcionamento para a reflexão em um contexto mais abrangente, por exemplo, o entendimento da origem e evolução da modalidade esportiva e que atitudes podem ser promovidas durante o seu ensino. Trabalhar o esporte na escola sem ter como propósito a reflexão do indivíduo, proporciona o surgimento de situações que poderão ocasionar problemas, como a busca incessante de talentos, treinamento esportivo na aula de Educação Física, especialização precoce, exclusão dos menos habilidosos, desinteresse pela prática esportiva, entre outros, sendo a Educação Física idealizada como modelo de esporte de rendimento (BARROSO; DARIDO, 2010, p.180).

Para Souza et al. (2010) praticar uma modalidade desportiva fortalece a autoestima do aluno, criando o hábito de trabalhar em equipe, estimulando a disciplina e a organização, contribuindo para a formação da cidadania. E o voleibol é uma forma de contribuir no desenvolvimento de crianças e de adolescentes, já que explora diversos movimentos

corporais, permitindo que o aprendiz imagine e crie diversos movimentos, auxiliando na socialização de meninos e meninas. Diante disso, os autores ressaltam que:

O jogo tem que ter um sentido, pois de nada adianta uma atividade esportiva que não proporcione ao seu jogador um ganho ou mesmo uma aprendizagem. Quanto mais interligado ou integrado ao jogo, maiores serão seus benefícios (SOUZA et al., 2010, p.121).

Bojikian e Bojikian (2012) afirmam que o voleibol é um jogo facilmente adaptável, pode-se diminuir ou aumentar a quadra, jogar no ginásio, na grama, na terra ou na areia, a rede pode ser substituída por uma corda variando a sua altura, podendo jogar em 6x6, 2x2, 3x3 por exemplo, formando equipes mistas de sexo e idade, pois não há idade limite para praticar a referida modalidade, e adaptando as regras de acordo com o nível dos praticantes o jogo se tornará mais interessante.

Quanto ao voleibol, é importante que a escola em conjunto com o professor promova o esporte não somente como uma atividade competitiva, supervalorizando os vencedores em detrimento dos perdedores, mas que proporcione o bem-estar, prazer e qualidade de vida. Talvez esse desafio a ser proposto pela escola, apresente certa resistência por parte dos alunos, que somente veem no esporte o lado da competição, não conhecendo muitas vezes os benefícios que este pode causar ao organismo (SOUZA et al., 2010, p.119).

No mais, a escola tem como uma das suas funções, organizar a sociedade, auxiliando e participando na formação integral do ser humano, e o professor deve compreender que incentivar a prática esportiva auxilia para o desenvolvimento dos seus alunos, para que os mesmos compreendam que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem, e que, não cabe ao professor ensinar a desunião, na qual apenas uma parcela dos alunos é boa no voleibol e os outros apenas observam a aula (SOUZA et al., 2010).

4 DO JOGO AO ESPORTE: A UTILIZAÇÃO DO MINIVOLEIBOL COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DO VOLEIBOL

Ao analisar a conceituação de jogo, notamos que vários autores trazem consigo uma explicação para esse fenômeno. O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de limites de tempo e de espaço, seguindo regras que são livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, tendo um fim em si mesmo, mas acompanhado de sentimentos de tensão e alegria, e com a consciência de ser diferente da vida quotidiana (HUIZINGA, 2000).

Ele é uma invenção humana que pode modificar “imaginariamente” a realidade, além de conseguir, muitas vezes, “encantar” as crianças. Por meio do jogar, elas podem explorar o mundo e suas possibilidades de maneira espontânea e divertida, desenvolvendo assim suas capacidades cognitivas, motoras, afetivas e sociais (CAETANO, 2013, p.2)

Da mesma forma, Kishimoto (1994) ressalta que enquanto fato social, o jogo assume o sentido que cada sociedade lhe atribui, mostrando porque o jogo aparece de modos tão diferentes, dependendo do lugar e da época.

[...] jogo e cultura se encontram justapostos, tecidos juntos. Sendo que tanto o jogo influencia a cultura quanto a cultura fornece elementos para o jogo. O jogo está contido na cultura, é produto cultural – enquanto parte nela se manifesta -, ao mesmo tempo em que se auto-afirma, desencadeando contínuos processos culturais – é todo (SCAGLIA, 2003, p.56).

Para Freire e Scaglia (2003) o jogo é uma categoria maior, uma metáfora da vida, que se concretiza quando as pessoas fazem esporte, fazem luta, fazem ginástica, ou quando as crianças brincam. Nesse sentido, uma estratégia para o ensino do voleibol, seria a utilização de jogos como ferramenta de aprendizagem no contexto das aulas de educação física, possibilitando ao professor aplicação nas três dimensões do conteúdo: procedimental, atitudinal e conceitual. A dimensão procedimental está ligada ao fazer, podendo os jogos serem reproduzidos, transformados e/ou modificados, podendo também realizar pesquisas sobre as diferentes formas de jogar o mesmo jogo; a dimensão atitudinal, está ligada aos valores, vivenciando e discutindo as normas e as atitudes, como a cooperação, a solidariedade e a inclusão; já a dimensão conceitual, está ligada aos conhecimentos, permitir ao aluno conhecer o repertório de jogos e brincadeiras dos familiares, conhecer os jogos de geração em geração, compreendendo o jogo na cultura (RANGEL; DARIDO, 2005).

Assim, dentro de uma perspectiva de educação, de Educação Física e de jogos, seria fundamental considerar os procedimentos, fatos, conceitos, atitudes e os valores, como conteúdos, todos no mesmo nível de importância (RANGEL; DARIDO, 2005, p.160).

Para Alberti e Rothenberg (1984) os jogos devem ser escolhidos de forma a garantir uma intensidade máxima de participação e prazer, somente um jogo bem aprendido dá prazer. Ou seja, um simples jogo pode oferecer diversos estímulos aos alunos, podendo representar excesso relativo à ideia principal do jogo ou desestímulo a longo prazo, ocasionado por variações equivocadas no desenvolvimento do jogo.

O jogo deve estar presente em todas as fases de ensino/aprendizagem, pelo fato de ser, simultaneamente, o maior fator de motivação e o melhor indicador da evolução e das limitações que os praticantes vão revelando (GARGANTA, 1998, p.26).

Do mesmo modo, Rangel e Darido (2005) ressaltam que os jogos podem ser usados como um facilitador para a aprendizagem dos esportes. Quando a educação física considera o jogo como conteúdo, colabora para que ele continue sendo transmitido de geração a geração, sendo importante para a humanidade como patrimônio cultural. Os jogos e brincadeiras como conteúdos escolares apresentam maior facilidade de aplicação, por razões como: não são desconhecidos da criança pois a maioria já participou de diferentes jogos; não exigem espaço ou material sofisticado; podem variar as regras, desde pequeno pode-se jogar, inicialmente com poucas regras, aumentando o nível de complexidade; pode ser praticado em qualquer faixa etária e são divertidos e prazerosos.

As tentativas de proporcionar uma oferta variada e rica em possibilidades de jogos, não devem excluir o critério de uma seleção planejada. Junto à precaução natural com o grau de desenvolvimento da criança, segundo os aspectos biológicos e psicológico, e à consideração de sua capacidade motora para jogar, também deve ser posto em prática, na aprendizagem do jogo, o princípio metodológico: “do mais fácil para o mais difícil; do simples para o complexo” (ALBERTI; ROTHENBERG, 1984, p.8).

Para além disso, mesmo sendo lúdico, o jogo é sério, ele possui ordem na sua organização, apesar de representar uma aparente desordem, possuindo regras claras e ao mesmo tempo apresentando imprevisibilidade e incerteza (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009).

[...] o jogo se caracteriza como uma unidade complexa, envolto pela organização sistêmica de suas estruturas padrões, definida pelo seu ambiente contexto (SCAGLIA, 2003, p.55).

Diante disso, Huizinga (2000) afirma que apesar do desejo de ganhar, deve-se sempre obedecer às regras do jogo, pois são um fator muito importante, todo o jogo tem suas

regras e estas que determinam o que “vale” e organizam o jogo. Por esse viés, o jogo tem suas regras obrigatórias e devem ser respeitadas, sendo elas rígidas ou flexíveis.

Quem joga tem que saber o que está fazendo e que todos têm que respeitar as condições para que o jogo aconteça. O nome que se dá ao conjunto dessas condições que aceitamos para realizar um jogo é “regra”, ela está presente em quase tudo o que fazemos em nosso dia-a-dia (RANGEL; DARIDO, 2005, p.169).

Para auxiliar no processo de iniciação ao voleibol, o método de ensino do minivoleibol apresenta as características e vantagens para a sua utilização, como: (I) o espaço da quadra é reduzido, possibilitando a efetiva participação simultânea de um maior número de praticantes; (II) é alegre porque o processo está centrado no aprender brincando, no aprender jogando, afinal, o aprendiz e recém iniciados querem jogar Voleibol, mas não gostam de exercícios monótonos, repetitivos e desinteressantes; (III) as experiências adquiridas através dos pequenos jogos e jogos específicos do minivoleibol possibilitam a participação dos jogadores em festivais e competições, após algumas semanas de prática; (IV) a redução do número de participantes em cada jogo provoca o aumento da participação do jogador, que terá um maior contato com a bola e com situações problemas a serem solucionadas; (V) as ações complexas do jogo de Voleibol são reduzidas a jogos simplificados, correspondente ao estado de desenvolvimento dos jogadores, de forma que auxiliem no processo de iniciação à referida modalidade (BAACKE, 1972; BAACKE, 1975; BAACKE, 1989).

Em um jogo 6x6, o número de vezes que uma criança vai pegar na bola, não contribui para o seu aprendizado e desenvolvimento rápido, principalmente para o recém iniciado. Dessa forma, a utilização do método minivoleibol contribui estimulando o domínio de bola sem trazer sobrecarga física ou mental para as crianças, sendo um método que favoreça a aprendizagem se adaptando à fase em que a criança se encontra, evitando a especialização precoce. Para Durrawachter (1984) a criança só vai aprender como jogar com condições de um jogo simplificado, através de pequenos jogos e jogos preparatórios, para primeiro aprender e depois automatizar.

Pirollo (1997) afirma que as regras que fazem parte do minivoleibol são flexíveis de acordo com a realidade dos alunos, a número de jogadores deverá estar relacionado com o nível e a idade com que os aprendizes se encontram, com o intuito de que eles tenham mais contato com a bola, geralmente variando de 1 a 4 jogadores; o tamanho e peso da bola deverá ser adaptado tanto a quantidade, a idade e ao nível do jogo, bolas mais leves para

crianças que não dominam nenhum fundamento e uma mais leve e menor também será um facilitador para a aprendizagem da modalidade, pois se adaptará as mãos das crianças, sem muita força; a condução da bola deverá ser evitada, pois a preocupação deverá ser na fluência do jogo; o rodízio deverá ser utilizado e o ataque e bloqueio deverá ser evitado pelos jogadores de fundo. Para os iniciantes Durrwachter (1984) afirma que:

As volumosas exigências técnicas e táticas do jogo de voleibol e a rápida troca das diferentes situações de jogo colocam o iniciante numa situação de aprendizagem muito complexa. Assim, ele apenas consegue aprender “como jogar” sob condições de jogo simplificadas, ou seja, através de certos pequenos jogos ou jogos preparatórios. Numa série metodológica do jogo desenvolvem-se, rapidamente e sem esforço, comportamentos táticos adequados de cada um, a cooperação de duplas e de grupos de três (DURRWACHTER, 1984, p.1).

Na escola, o esporte contribui para a formação do ser humano, o aluno passa a aprender e utilizar a prática esportiva na sua vida, tendo convivência com vitórias e derrotas. O professor deve organizar suas atividades de modo que o aluno consiga realizar as atividades, sem confundir ou inibi-lo, facilitando a aprendizagem da modalidade. E com o minivoleibol não é diferente, ele tem a sua importância para os que estão na iniciação, para os que estão nessa fase e não dominam os fundamentos, e as atividades devem estar ligadas às suas possibilidades motoras. Segundo Borsari (2010) o minivoleibol tem como principais características:

Estimular a prática esportiva de forma lúdica e prazerosa, contribuindo para o desenvolvimento físico, das condições motoras nas suas habilidades naturais e mentais. Assim como, promover a sociabilidade, a atuação em equipe e aceitar regras e normas de conduta de convivência produtiva (BORSARI, 2010, p.155).

Diante disso, com a prática do minivoleibol nas aulas, as crianças poderão experimentar, conhecer e identificar diferentes práticas corporais estimulando o pensamento tático, cabendo ao professor saber organizar a sua prática pedagógica de acordo com os seus objetivos, as necessidades dos seus alunos. A utilização do método de ensino do minivoleibol tem a sua importância para os que estão na iniciação, por razões, como por exemplo: as ações mais complexas se reduzem a situações simplificadas. Dessa forma, o professor contribui para a ampliação dos conhecimentos dos alunos, com atividades favoráveis ao desenvolvimento afetivo, social e cognitivo, estimulando alegria, motivação, melhorando a capacidade perceptiva e motora, promovendo cooperação, convivência e participação, de acordo com as vantagens desse método indicadas por Baacke (1989) e Durrwachter (1974).

5 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ESPORTE NA ESCOLA

Diversas são as maneiras de conceituar o esporte, para Betti (1991) o esporte é uma ação social institucionalizada, com regras, se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre oponentes, que por meio de comparação de desempenhos, determina o vencedor e os resultados alcançados pelos praticantes, são resultados das habilidades e das estratégias utilizadas. Já Bracht (2005) afirma que o esporte é uma atividade corporal do movimento, de caráter competitivo, surgida da cultura europeia por volta do século XVIII, expandindo-se para o mundo, e no seu desenvolvimento assume características básicas, resumidas em: competição, rendimento físico-técnico, *record*, racionalização e cientificização do treinamento.

O esporte, na atualidade, vem adquirindo espaço e importância cada vez maiores em nossa sociedade, basta olharmos à nossa volta para que comprovemos isso: verificando o espaço dedicado ao mesmo pela mídia, constatamos que a maioria das revistas de atualidades e jornais de grande circulação no País apresenta cadernos ou seções dedicadas a ele (DARIDO; RANGEL, 2005, p.177).

Diante disso, o esporte em relação a classificação, apresenta três dimensões sociais, que estão ligadas à prática pedagógica que o professor assume em suas aulas, o esporte-educação, o esporte-participação e o esporte-performance. Para Tubino (2001) o esporte-educação tem um conteúdo fundamentalmente educativo, com responsabilidades de conteúdo no sentido de formação, com princípios de participação, integração, cooperação, co-educação, integração e co-responsabilidade; o esporte-participação está associado ao prazer lúdico, tendo como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes, tendo como propósito a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas; já o esporte-performance, traz os propósitos de novos êxitos e vitória sobre os adversários, ligado a instituições, sendo exercido sobre regras preestabelecidas e apresenta uma tendência a ser praticada pelos talentos esportivos.

Desta forma, para que o ensino do esporte seja contemplado, faz-se necessário que o professor compreenda qual o objetivo da sua aula, qual o sentido que o esporte está relacionado aos seus alunos, seja nas aulas de educação física, ou em escolinhas de iniciação esportiva.

[...] o esporte na escola pode ser um dos meios mais efetivos de formação dos jovens, a prática esportiva como educação social será indispensável no

desenvolvimento de suas personalidades e imponderável nos seus processos de emancipação (TUBINO, 2011, p.37).

Betti e Zuliani (2002) apresentam princípios para auxiliar nas estratégias de ensino para a educação física e seus conteúdos. Os autores apresentam quatro princípios metodológicos gerais, sendo eles: princípio da inclusão; princípio da diversidade; princípio da complexidade e princípio da adequação ao aluno, todos com suas características que auxiliam na aprendizagem dos alunos. No princípio da inclusão, os conteúdos devem propiciar a inclusão de todos os alunos; no princípio da diversidade, a escolha dos conteúdos deve incluir os jogos, os esportes, as atividades rítmicas/expressivas, as danças, as lutas/artes marciais, as ginásticas e práticas de aptidão física, com as variações e combinações; no princípio da complexidade, os conteúdos devem adquirir complexidade ao decorrer das séries, tanto motor como cognitivo e por fim, no princípio da adequação do aluno, em todas as fases no processo de ensino, o professor deve levar em conta as características, capacidades e interesses do aluno, tanto no aspecto motor, afetivo, social e cognitivo do aluno.

Com relação ao esporte escolar, cabe lembrar que seus benefícios físicos e mentais para as crianças e adolescentes já foram constatados por médicos, psicólogos e pedagogos, acreditando-se que, durante a prática esportiva, estarão sendo respeitadas as características da fase do desenvolvimento nas quais as crianças se encontram (MOREIRA; PEREIRA, 2009 p.36).

O esporte deve ser visto como um conteúdo a ser aprendido, vivenciado e transformado na escola, incluindo todos os alunos, trabalhando a cooperação, coletividade, respeito às regras, entre outros. Para Bojikian e Bojikian (2012) no aspecto motor o aluno desenvolve habilidades motoras, aumentando seu repertório de movimentos e no aspecto socioafetivo, o esporte ensina a respeitar as regras, os colegas e os adversários, tendo disciplina e determinação para alcançar os objetivos, trabalhando em equipe e sendo solidário com os colegas, aprendendo a cooperar, competir, perder e ganhar.

Aprender o esporte, de uma maneira geral, ou especificamente uma determinada modalidade esportiva, necessariamente implica a apropriação de um conjunto de valores, ações, atitudes que muitas vezes não são percebidos ou não são trabalhados intencionalmente pelos professores. Dessa forma, identificar e analisar quais valores estão presentes no aprendizado e na vivência da modalidade escolhida caracteriza-se como um enfoque atitudinal a ser ressaltado e, por vezes, priorizado no ensino do esporte, sobretudo em se tratando do esporte na e da escola (DARIDO; RANGEL, 2005, p.186).

No entanto, as aulas de educação física nas escolas, geralmente as escolas públicas, apresentam algumas dificuldades. Segundo Silva e Damázio (2008) sobre as aulas na escola pública, afirmam que a ausência ou a pouca qualidade das instalações para as aulas de educação física, podem ser observadas sob dois aspectos: a não valorização social desta disciplina e o descaso das autoridades para com a educação destinada às camadas mais populares da sociedade.

Acreditamos que as condições materiais (instalações, material didático, espaço físico) interferem de modo significativo nos trabalhos pedagógicos. Os esforços dos professores, por mais criativos que sejam e diante dos mais belos ideais educativos, podem fracassar, caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho (SILVA; DAMÁZIO, 2008, p.193).

Nesse mesmo sentido, Somariva, Vasconcelos e Jesus (2013) afirmam que os materiais dão suporte para a realização da prática pedagógica, pois dão ao aluno o conhecimento e a vivência prática, e que é comum ouvirem queixas sobre esse assunto, a falta de materiais diminui o aproveitamento das aulas, tornando-as desestimulantes.

Outrossim, Gomes (2012) relata que os recursos materiais usados nas aulas de educação física auxiliam o professor, colocando em prática seus planos de aula e necessitando de criatividade, dedicação e responsabilidade de todos os envolvidos na prática pedagógica; descreve também que esses espaços e materiais usados para cada aula de educação física, precisa de um cuidado, pela quantidade mínima nas escolas, já que no Brasil, a maioria das escolas pública não tem espaço físico adequado ou materiais suficientes para a realização das aulas.

Acredita-se que as condições materiais das instalações e o espaço físico, interferem de modo significativo nos trabalhos pedagógicos. Os empenhos dos professores, de forma criativa e diante de grandes ideias educativas, podem frustrar-se, caso não encontrem espaços e condições materiais para realização de seus planos de aula (GOMES, 2012, p.13).

Gomes (2012) acredita que essas dificuldades acabam desmotivando os professores de educação física, mas, os mesmos necessitam possuir um conhecimento seguro para saber quais recursos serão mais adaptados, para aproveitarem a cada nova aula, pois sua aplicação é um instrumento pedagógico precioso.

Outro fator presente no âmbito escolar, é a falta de interesse dos alunos e a falta de disciplina, dificultando a prática pedagógica do professor. Prandina e Santos (2016) em sua pesquisa, identificam que somente nas séries iniciais os alunos mostram interesse e se

sentem motivados em participar das aulas de educação física, enquanto os demais alunos não se interessam, e só participam das aulas devido a nota.

Darido et al. (1999) em seus estudos com o ensino médio, afirmam que a maioria dos professores relacionam a falta de interesse dos alunos com a falta de habilidade dos mesmos, como umas das suas maiores dificuldades. Nessa fase os alunos têm vergonha de se expor e rejeitam as novidades, e o medo de errar o afasta ainda mais das aulas de educação física. Sobre a falta de disciplina, os autores afirmam que:

A falta de disciplina dos alunos também é citada enquanto dificuldades do professor, ameaçando, na maioria das vezes, o papel do professor, que somente com as normas e regras da escola não consegue mais conter o aluno (DARIDO et al., 1999, p.143).

Contudo, mesmo com as dificuldades o esporte enquanto fenômeno e um conteúdo da educação física, apresenta várias possibilidades de manifestação na escola, seja nas aulas da disciplina obrigatória ou em escolinhas de iniciação. Cabe ao professor compreender o objetivo da sua aula, estimulando a ampliação dos conhecimentos dos alunos e contribuindo na formação dos sujeitos.

A identificação das dificuldades dentro de seu cotidiano profissional é imprescindível para o planejamento de ações que garantam a melhoria das condições de trabalho e, consequentemente, da qualidade do ensino da Educação Física (SOMARIVA, et al., 2013, p.1).

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa teve como objetivo analisar os métodos utilizados no processo ensino-aprendizagem do jogo de voleibol junto aos aprendizes, pelos professores/ treinadores de educação física nas aulas de educação física e nas escolinhas de iniciação ao voleibol, em escolas públicas e privadas da cidade do Recife. A investigação utilizou a abordagem qualitativa, uma vez que consideramos os motivos, aspirações, valores e atitudes dos sujeitos, assim com a realidade e o fenômeno estudados (MINAYO, 2001). Em relação aos objetivos, esta pesquisa é exploratória, considerando que os objetivos possibilitarão maior familiaridade com o problema (GIL, 2008). Esse estudo buscou compreender o significado dos resultados, a partir dos procedimentos metodológicos: questionários e análises dos dados relativos as respostas dos professores/ treinadores que utilizavam o conteúdo voleibol em suas aulas.

6.1 PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada com professores e treinadores de escolas públicas e privadas da cidade do Recife. Para compor nosso estudo, enviamos quarenta e quatro (44) correspondências eletrônicas, das quais recebemos vinte e três (23) respostas, dentre essas, apenas dezesseis (16) estavam qualificadas para integrarem nossa amostra, considerando que os profissionais não dispunham do critério de participação, que era o de atuar enquanto professor ou treinador de voleibol em escolas da rede pública ou privada da cidade do Recife.

Os demais profissionais que não participaram da nossa amostra, deixaram de ministrar aulas de Educação Física e/ou treinamentos de escolinhas, em escolas, quer públicas ou privadas, passando a atuarem, por exemplo em (I) cargos de gestão; (II) em Academias; (III) em clubes com outras modalidades.

A seguir apresentam-se os dados coletados referente a nossa amostra. Os professores/treinadores serão citados de acordo com uma sigla, para que seja preservada a sua identidade. Portanto, os professores de educação física e os treinadores serão representados por P/T, seguido de numeração de acordo com a ordem das respostas dos questionários.

Quadro 1 - CARACTERÍSTICAS DOS PROFESSORES/TREINADORES

	Idade	Sexo	Curso e Ano de Conclusão da Graduação	Pós-Graduação e Ano de Conclusão	Tempo de Experiência como professor/treinador de voleibol	Escola (classificação, se pública ou privada)
P/T 1	43 anos	Mas	Ed. Física 2000	Especialização 2006	20 anos	Privada
P/T 2	53 anos	Fem	Ed. Física 1989	Especialização 1995	28 anos	Pública
P/T 3	26 anos	Mas	Ed. Física 2015	Especialização 2017	2 anos	Pública
P/T 4	36 anos	Fem	Ed. Física 2007	Especialização 2010	5 anos	Pública
P/T 5	40 anos	Fem	Ed. Física 2003	Especialização 2003	21 anos	Pública e Privada
P/T 6	57 anos	Mas	Ed. Física 1988	Não possui	34 anos	Pública
P/T 7	61 anos	Mas	Ed. Física 1979	Especialização 1986	43 anos	Pública
P/T 8	25 anos	Mas	Ed. Física 2017	Não possui	2 meses	Privada
P/T 9	65 anos	Mas	Ed. Física 1985	Especialização 1998	35 anos	Pública e Privada
P/T 10	47 anos	Mas	Ed. Física 1996	Especialização 2009	28 anos	Privada
P/T 11	33 anos	Mas	Ed. Física 2008	Especialização 2018	10 anos	Privada
P/T 12	46 anos	Fem	Ed. Física 1996	Especializações 2000 e 2005	18 anos	Privada
P/T 13	60 anos	Mas	Ed. Física 1979	Mestrado 2002	40 anos	Privada
P/T 14	40 anos	Fem	Ed. Física 2006	Especialização 2008	17 anos	Privada
P/T 15	38 anos	Mas	Ed. Física 2004	Especialização 2009	15 anos	Privada
P/T 16	28 anos	Mas	Ed. Física 2016	Não possui	3 anos	Privada

6.2 MEIOS E INSTRUMENTOS

Para compreender as opiniões e os métodos de ensino utilizados pelos professores/treinadores, foi utilizado um instrumento de recolha de dados, em formato de questionário semiestruturado, contendo quatro perguntas que permeiam a prática pedagógica dos participantes.

Inicialmente há uma introdução que visa esclarecer o objetivo do projeto, a seguir são solicitadas informações demográficas (como por exemplo: idade e anos de experiência). Uma terceira seção abrange o restante do protocolo, com questões específicas, como as que seguem: (a) Qual o método de ensino do Voleibol adota? (b) Quais as razões desta escolha? (c) Qual a ordenação utilizada no ensino do Voleibol em relação a todos os gestos técnicos? (d) Quais as dificuldades que têm encontrado ao longo dos processos de iniciação ao Voleibol e como as tem superado?

Para Gil (2008) o questionário é uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões para serem submetidas aos sujeitos, com o intuito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, expectativas, aspirações etc.

Sobre as vantagens no uso do questionário, Gil (2008, p.121) relata que:

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;
- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente;
- e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.

6.3 RECOLHA DOS DADOS

Uma vez que tivemos bastante dificuldade para localizar os professores que utilizassem o Voleibol enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física e treinadores de escolinhas de voleibol nas escolas circunvizinhas à UFRPE, decidimos realizar a recolha de dados através de chamadas telefônicas e correspondência eletrônica.

6.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Os professores/ treinadores foram informados sobre o propósito e o método da pesquisa, tendo-lhes sido assegurado o seu anonimato e confidencialidade dos dados. Os professores/ treinadores contatados que responderam ao questionário concordaram em participar voluntariamente da investigação. Para assegurar a confidencialidade dos resultados foi adotado um sistema de codificação no qual o nome de cada treinador foi substituído por um número (P/T1 a P/T16). Além disso, qualquer informação que pudesse identificar os sujeitos (nome de atletas, cidade) foi substituída ou omitida.

6.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo, uma vez que os dados dos questionários, foram divididos em categorias a partir de suas características, em busca de similaridades e singularidades, que nos permitissem não apenas categorizá-los, como também interpretá-los e compreendê-los (BARDIN, 2008).

7 REFLEXÕES A RESPEITO DA UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE ENSINO DO VOLEIBOL NO ÂMBITO ESOLAR

A pesquisa busca analisar os métodos utilizados no processo ensino-aprendizagem do jogo de voleibol junto aos aprendizes, pelos professores/ treinadores de educação física nas aulas de educação física e nas escolinhas de iniciação ao voleibol, em escolas públicas e privadas da cidade do Recife, a partir das respostas dos partícipes. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que envolve análise de questionário. Desta forma, os dados foram colhidos a partir da resposta de dezesseis professores/treinadores de educação física, que ensinam voleibol em escolas públicas e privadas da cidade do Recife.

Analizamos o estudo por cada item com a intenção de facilitar a compreensão da pesquisa.

7.1 O MÉTODO ESCOLHIDO

Nossa primeira pergunta questionava aos participantes qual/quais método(s) era(m) utilizado(s) nas suas aulas, seja nas aulas de educação física ou em escolinhas de iniciação ao voleibol, como pode ser verificado no Quadro 2.

Quadro 2 - MÉTODOS DE ENSINO UTILIZADOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

	Escola Pública	Escola Privada	Total
Método Tradicional	P/T2; P/T11	P/T8; P/T11; P/T12	4
Método Global	P/T5; P/T11	P/T1; P/T11	3
Método Minivoleibol	P/T3; P/T4; P/T5; P/T11	P/T9; P/T11; P/T12	6
Método Situacional	-		-
TGFU	-		-

Pudemos perceber que o método mais utilizado pelos arguidos, tanto na regência das aulas de educação física, quanto nas escolinhas de iniciação foi o do minivoleibol, seguido pelo método tradicional, como pode ser verificado no Quadro 2 e 3.

Quadro 3 - MÉTODOS DE ENSINO UTILIZADOS NAS ESCOLINHAS DE INICIAÇÃO AO VOLEIBOL

	Escola Pública	Escola Privada	Total
Método Tradicional	P/T5; P/T11	P/T1; P/T5; P/T8; P/T10; P/T11; P/T12; P/T13; P/T14; P/T16	9
Método Global	P/T7; P/T11	P/T1; P/T11; P/T13	4
Método Minivoleibol	P/T3; P/T4; P/T5; P/T6 P/T7; P/T11; P/T12	P/T1; P/T5; P/T9; P/T10; P/T11; P/T12; P/T13; P/T14; P/T15; P/T16	14
Método Situacional	-	P/T1; P/T10	2
TGFU	-		-

De acordo com os dados apresentados nos Quadros 2 e 3, verificamos que houve um método não indicado pelos depoentes, o “TGFU”, e outro que foi apresentado por apenas dois treinadores, o Situacional. Contudo, considerando que o TGFU também utiliza os jogos reduzidos (GRAÇA & MESQUITA, 2007) e o método SITUACIONAL, prioriza atividades que remetem ao contexto do jogo (GRECO, 2001) podemos deduzir que os professores/treinadores podem não os ter indicados, por desconhecer os referidos métodos, ou não associar as atividades aos mesmos.

Para ilustrar e tornar mais claras as escolhas apresentadas pelos inquiridos seguem alguns trechos de seus depoimentos:

“Utilizo o método analítico para a mínima aquisição do gesto técnico. No Global, proponho sempre pequenos jogos para que o educando utilize um ou dois fundamentos. Utilizo o Minivoleibol pela sequência que o método já traz” (P/T 5).

“(Tradicional e Minivoleibol)... Assim que os gestos técnicos estejam aceitáveis, partimos para os minijogos. Desta forma, utilizo os dois métodos indicados, pois julgo ter mais resultado do ponto de vista do aprendizado e entendimento da técnica e compreensão do jogo através do minijogo” (P/T 16).

“Por acreditar que o jogo é um fator motivacional muito importante na aprendizagem esportiva coletiva (Global Funcional/ Minivoleibol). Por entender que o voleibol entre os esportes coletivos é o mais exigido no aspecto do gesto técnico pois penaliza pela má execução (Analítico-sintético). Devido a adaptação para introduzir o jogo gradativamente (Minivoleibol) através de variantes como dimensão da quadra, número de jogadores, altura da rede, tamanho da bola e regras” (P/T 13).

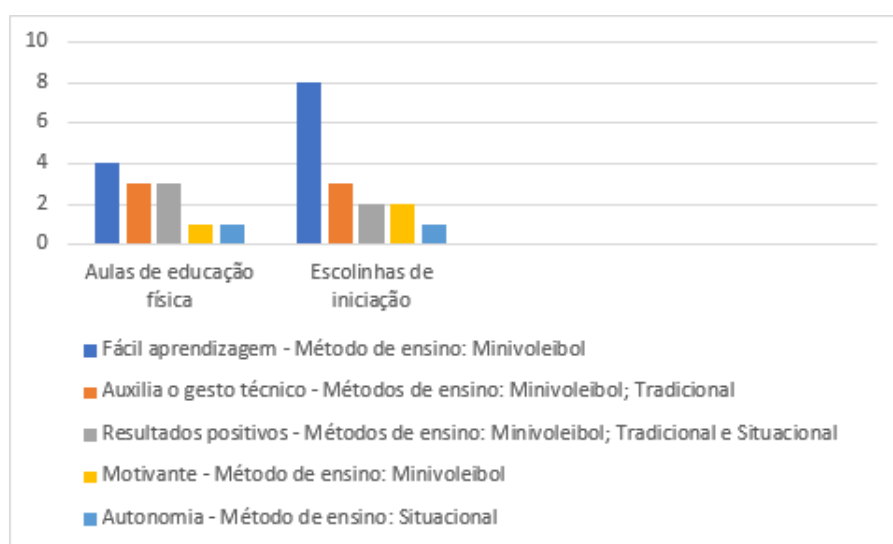
Em relação aos métodos utilizados pelos professores/treinadores, observamos que a maioria dos participantes utiliza o método de ensino do minivoleibol; e o método tradicional. Acredita-se que tais formas de ensinar o esporte são mais aceitas pelos alunos e os professores/treinadores têm maior domínio.

Desde que os professores/treinadores tenham clareza sobre os objetivos que querem atingir e de como organizar a sua prática pedagógica, mesclar os métodos de ensino pode ser uma solução.

7.2 RAZÕES PARA ADOTAR UM MÉTODO DE ENSINO

Em seguida os participantes foram questionados sobre quais as razões para que adotassem os métodos de ensino. Os inquiridos, então indicaram: (I) a autonomia, (II) a motivação, (III) a fácil aprendizagem e (IV) os resultados positivos alcançados, distribuídas em relação aos métodos de ensino no gráfico a seguir.

Gráfico 1 - RAZÕES APRESENTADAS PARA ADOÇÃO DOS MÉTODOS DE ENSINO



O item “fácil aprendizagem”, em relação ao método do Minivoleibol, foi referido pelos componentes da amostra, por apresentar-se de forma simples para a compreensão dos alunos, independentemente da faixa etária, sendo citado por oito profissionais em relação à regência de treinos e quatro, no tangente às aulas de Educação Física, trazemos algumas respostas dos participantes, como pode ser verificado a seguir:

“Por facilitar a aprendizagem dos alunos. Trata-se de um método que possibilita um ambiente com alta jogabilidade. Dessa forma, o aluno se

estimula através de constantes ações bem-sucedidas nos jogos, facilitando o ensinamento de fundamentos técnicos e táticos mais avançados” (P/T 3).

“Por usar pequenos espaços; proporciona um maior contato com a bola para um maior número de participantes, de forma simultânea, utilizando um material alternativo” (P/T 6).

Em contrapartida o participante P/T14 argumentou sobre a importância de desenvolver os gestos técnicos, falando sobre a utilização do método Tradicional.

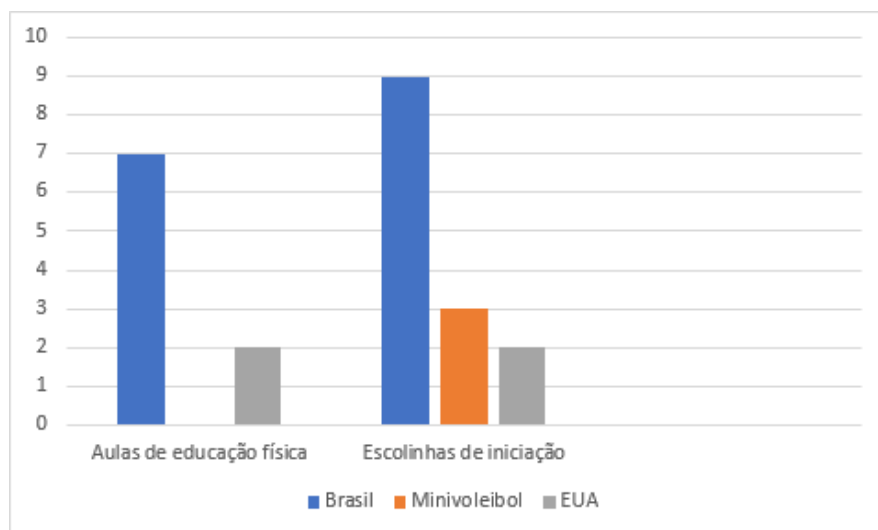
“Os gestos técnicos bem desenvolvidos facilitam o jogo. O desenvolvimento do jogo fica mais fácil e os alunos conseguem desenvolver suas habilidades” (P/T 14).

A utilização do Método de Ensino do Minivoleibol tem a sua importância para os que estão na iniciação, por razões, como: as ações mais complexas se reduzem a situações simplificadas. Dessa forma, o professor contribui para a ampliação dos conhecimentos dos alunos, com atividades favoráveis ao desenvolvimento afetivo, social e cognitivo, estimulando alegria, motivação, melhorando a capacidade perceptiva e motora, promovendo cooperação, convivência e participação, de acordo com as vantagens desse método indicadas por Baacke (1989) e Durrwachter (1974).

7.3 A ORDENAÇÃO DOS FUNDAMENTOS DO VOLEIBOL

A terceira pergunta, questionou a ordenação utilizada no ensino dos gestos/fundamentos técnicos aos alunos, cujas respostas foram agrupadas, a partir das três ordens que a literatura apresenta, e indicadas no Gráfico 2.

Gráfico 2 - ORDENAÇÃO DOS GESTOS TÉCNICOS ADOTADA NO ENSINO DO VOLEIBOL



Entre as ordenações para o ensino das habilidades no ensino do voleibol, o item intitulado de “Brasil” representa a ordem: “Toque – Manchete – Saque por Baixo – Cortada – Bloqueio”, indicada por Bizzocchi (2008). Já o ordenamento intitulado “Minivoleibol”, segue a ordem: “Toque - Saque por Baixo - Manchete, Cortada – Bloqueio”, apresentada por Durrwaechter (1974). Por fim, o ordenamento chamado “EUA”, segue a ordem: “Saque – Manchete – Toque - Cortada – Bloqueio”, de acordo com o American Sport Education Program (1999).

Considerando que grande parte dos participantes informaram que utilizam o método de ensino minivoleibol em suas aulas, percebemos que no momento que ensinam os gestos técnicos, menos de 50% da amostra utiliza a ordem dos gestos que o método de ensino indica.

7.4 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO PROCESSO DE ENSINO DO VOLEIBOL.

Uma outra questão, indagou sobre as dificuldades encontradas pelos professores/treinadores nos processos de iniciação ao voleibol, em relação à qual, identificamos oito obstáculos apresentados pelos professores e/ou treinadores, falta de acervo motor; falta de tempo; desinteresse dos alunos; falta de material; formação deficiente; estrutura física; diferentes níveis de aprendizagem e desvalorização do esporte, ilustrados no Gráfico 3.

Gráfico 3 – DIFICULDADES MAIS RECORRENTES ENCONTRADAS NA INICIAÇÃO AO VOLEIBOL



7.4.1 A falta de acervo motor

Entre as dificuldades citadas tanto por professores atuantes na educação física, quanto no treino das escolinhas, destacamos por exemplo, a “falta de acervo motor”, dificultando a aquisição de habilidades motoras. Para Tani (2006) um dos principais objetivos da educação física, seja escolar ou não, é o ensino das habilidades motoras.

[...] os processos de ensino e de aprendizagem de habilidades motoras complementam-se, como duas faces de uma mesma moeda. Para ensinar é importante saber como é que se aprende, ou seja, as decisões acerca do ensino podem ser facilitadas quando se tem conhecimentos sobre o processo de aquisição de habilidades motoras, e isso pode resultar em aprendizagens mais efetivas e eficientes (TANI et al., 2004, p.64).

Da mesma forma, Pinto e Trevisan (2014) relatam que a educação física é um meio importante para o desenvolvimento motor infantil e as experiências motoras devem estar

presentes no dia-a-dia das crianças, pois a capacidade motora é essencial para o longo da vida, auxiliando na comunicação, permitindo que a criança expresse suas emoções, sua criatividade e possa interagir com outras pessoas.

Quando não há oportunidades de prática, instrução e estímulo durante esse período, muitos indivíduos são privados da aquisição das informações perceptivas e motoras necessárias à execução de atividades de movimento com habilidade (GALLAHUE; OZMUM; GOODWAY, 2013, p.197).

Por essa perspectiva, Pinto e Trevisan (2014) acreditam que:

[...] o professor é o sujeito responsável por intervir no processo de aprendizagem do aluno, como um mediador entre o aluno e o mundo, estimulando os avanços no desenvolvimento da criança. O professor poderá ajudá-lo a alcançar a zona de desenvolvimento potencial, tornando-a real, dando sequência ao aspecto espirado do processo (PINTO; TREVISAN, 2014, p.2).

7.4.2 Desinteresse dos alunos

Outra dificuldade mencionada pelos participantes, foi o desinteresse dos alunos em participarem das aulas. Segundo Prandina e Santos (2016) muitas são as razões para desinteresse ou ausência de motivação por parte dos alunos em participarem das aulas de educação física, como por exemplo: falta de coordenação motora; pouca ou nenhuma habilidade; sobrepeso; timidez; falta de material; pouca diversificação das atividades desenvolvidas, falta de quadra coberta e exposição ao sol forte.

A assertiva do P/T 11 reflete sobre dificuldades como a falta de acervo motor e a falta de interesse do aluno:

“Existem dois pontos que me preocupam enquanto profissional e que são fatores excludentes do processo de ensino-aprendizagem. O 1º trata-se da dificuldade cada vez maior que os alunos têm em obter certos domínios básicos do jogo, onde é clara a falta de estímulos coordenativos que facilitem este aprendizado. Isso se faz mais presente nas aulas de Educação Física Escolar. No caso das Escolinhas/Treinamentos, vejo que o problema maior que enfrento é com relação à falta de interesse dos alunos em praticar algum esporte. Na verdade, existe uma contribuição dos pais no processo, pois existem problemas financeiros e problemas de locomoção, que dificultam este acesso. Com isso existe a ‘impotência’ por parte dos alunos em não participar, ou em alguns casos, acomodação” (P/T 11).

Nesse sentido, para estimular o interesse dos alunos, o professor deve buscar recursos para tornar a sua prática pedagógica mais atrativa, segundo Kobal (1996) o prazer com satisfação, alegria, divertimento, são questões fundamentais para a aprendizagem do

aluno nas aulas, vivenciando as atividades com intensidade, a aprendizagem é realizada de forma prazerosa e se internaliza.

Mesmo a realidade do professor de Educação Física não sendo uma profissão fácil de se exercer devido à falta de uma gestão que ofereça: espaços físicos adequados, materiais didáticos disponíveis para a realização de excelentes aulas de Educação Física, e também uma remuneração significativa para classe. Diante de tantos desafios na sua prática pedagógica, o docente desta disciplina consegue buscar mecanismos para se desvencilhar e cumprir seu papel como componente curricular escolar (TEIXEIRA; SOARES; FERREIRA, 2018, p.584).

7.4.3 A falta de recursos materiais

Uma outra dificuldade apresentada pelos professores/treinadores foi a falta de recursos materiais para a realização das aulas. Segundo Gomes (2012) os recursos materiais, as condições dos materiais e os espaços físicos interferem de modo significativo as aulas e que a falta desses recursos, acaba desmotivando professores e alunos.

Neto (2003) realizou um estudo para investigar o cotidiano e as crenças dos professores de educação física, notou que a precariedade das condições dos materiais didáticos para as aulas se faz presente, contribuindo para que o professor tenha a crença do baixo valor docente de sua atividade. Durante sua pesquisa, o autor observou que os professores trabalhavam com poucos materiais, e alguns quase completamente estragados, efetivando a realização de coleta de dinheiro entre alunos e professores para compra de novos materiais.

Para Darido et al. (2001) o professor deve compreender e identificar as características dos espaços físico onde as aulas ocorrem, podendo variar entre quadra; pátio; sala; campo; ginásio etc, no que se refere as condições de piso; a qualidade de ar; o som; a incidência/ausência de luz e calor, entre outros, para poder buscar alternativas de mudanças e melhores condições.

Os espaços e as condições disponíveis merecem ser adaptadas, reinventadas e criadas no nosso entendimento. Dependendo da concepção de ensino e da perspectiva curricular adotadas pelo professor, espaços alternativos e obstáculos podem se transformar em recursos para possibilitar a criatividade, a inovação e a construção de práticas diversificadas. Não defendemos a ideia de que o trabalho pedagógico só pode se processar mediante condições materiais idealizadas [...] (SILVA; DAMÁZIO, 2008, p.194).

Diante disto, percebemos que os espaços e recursos materiais para as aulas de Educação Física podem se apresentar de forma limitada, quando algumas escolas possuem uma quantidade mínima de materiais, ou nem existem, dificultando a prática pedagógica; porém, essas condições não podem ser superiores às capacidades de construção e transformação do professor.

8 COMO VENCER AS DIFICULDADES

Os partícipes foram questionados quanto às estratégias utilizadas para tentar superar as dificuldades encontradas no processo de iniciação ao voleibol, entre os dados colhidos, apresentamos a indicação do P/T 3 e P/T11 para superar a falta de estímulo dos alunos:

“Venho tentando superar, tornando o jogo mais ‘jogável’ através do mini-voleibol... Reduzindo espaço, número de atletas por time e adaptando regras... É possível aumentar a jogabilidade e, consequentemente, promover mais situações de sucesso no esporte...” (P/T3).

“O que tenho feito para minimizar esta defasagem, além de diversificar, dinamizar e tornar minhas aulas cada vez mais atrativas, é estreitar cada vez mais os laços entre família e escola, mostrando de forma clara a importância da prática dos esportes a seus filhos, para além da formação de atletas, desenvolvendo o senso de responsabilidade, sabendo dividir melhor o seu tempo para estudos e lazer, fazendo com que os pais também se façam presentes nas atividades dos filhos, dando valor a este momento como expectador sempre quando puder. Acredito que esta interatividade crie uma proximidade maior dos seus filhos com a prática esportiva e consequentemente um melhor desempenho dentro do processo” (P/T 11).

De fato, buscar estratégias para superar as dificuldades é solução, para Darido e Rangel (2005) a disciplina de educação física deve atender todos os alunos, oferecendo igualdade e oportunidade a todos mesmo com as dificuldades.

Se entendermos que todos os alunos têm direitos, enquanto cidadãos, de participar das aulas de Educação Física, independentemente da cor, etnia, religião, gênero, idade etc., o problema do professor reside em encontrar alternativas para a não exclusão. Deverá também repensar sua própria prática pedagógica, a fim de torná-la acessível a todos os alunos (DARIDO; RANGEL, 2005, p.38).

Para Damazio e Silva (2008) na escola a educação física atribui papéis e objetivos, seja voltado para uma melhor qualidade de vida e de saúde, para o desenvolvimento motor ou para compreender e conhecer a cultura corporal, e deve-se refletir sobre as condições de trabalho docente, para superar as deficiências estruturais e alcançar seus propósitos.

Como já foi citado anteriormente, mesmo com as dificuldades encontradas no dia-a-dia, cabe ao professor compreender o objetivo da sua aula, estimulando a ampliação do conhecimento dos alunos, motivando-os.

[...] o professor deve ter criatividade para ministrar os conteúdos em suas aulas, pois assim os alunos se envolverão participando, também sendo importante a opinião dos alunos para eventuais mudanças na maneira como

as aulas são dadas pelo professor, um diálogo mais amplo entre ambos poderá ser proveitoso como estímulo para uma maior motivação dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem do desporto (MARZINEK, 2004, p.39).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proposto possibilitou analisar os métodos utilizados no processo ensino-aprendizagem do jogo de voleibol junto aos aprendizes, pelos professores/treinadores de escolas públicas e privadas da cidade do Recife, compreendendo os desafios e possibilidades que esses sujeitos enfrentam no dia-a-dia, ao ensinar o conteúdo voleibol. A pesquisa possibilitou a realização de uma recolha de dados através de um questionário, com o intuito de obter os dados para subsidiar o estudo, abordando os métodos de ensino utilizados, os desafios encontrados nas aulas e como vencer essas dificuldades.

Com base na coleta de dados, verificamos que os professores/ treinadores afirmaram utilizar todos os métodos apresentados, a depender das circunstâncias, e embora tenha havido um método pouco citado como o “Situacional” e até não citado, como o “TGFU”, faz-se necessário considerar que o TGFU também utiliza os jogos reduzidos (referido pelos participantes), assim como o método “situacional” prioriza atividades que remetem ao contexto do jogo, podemos deduzir que os profissionais podem não os ter indicados, por desconhecer os referidos métodos, ou não associar as atividades aos mesmos.

Outrossim, o método de ensino minivoleibol, foi bastante referido pelos componentes da amostra, por apresentar-se de forma simples para a compreensão dos alunos, independentemente da faixa etária. De acordo com a percepção dos professores/treinadores, esse método de ensino contribui para a ampliação dos conhecimentos dos alunos, com atividades favoráveis ao desenvolvimento afetivo, social e cognitivo, estimulando alegria, motivação, melhorando a capacidade perceptiva e motora, promovendo cooperação, convivência e participação.

Entre as ordenações para o ensino das habilidades no ensino do voleibol, destacamos três: (I) “Toque – Manchete – Saque por Baixo – Cortada – Bloqueio”; (II) “Toque - Saque por Baixo - Manchete, Cortada – Bloqueio”; (III) “Saque – Manchete – Toque - Cortada – Bloqueio”.

Além disso, os componentes da amostra apresentaram suas dificuldades, entre as quais: (I) “falta de acervo motor”; (II) “falta de interesse dos alunos em aprender a modalidade”; (III) desinteresse dos alunos e (IV) falta de material; assim como apresentaram estratégias utilizadas para superá-las, como: (a) a utilização do minivoleibol, objetivando o sucesso na consecução de jogar a referida modalidade; (b) diversificar, dinamizar e tornar as

aulas mais atrativas; (c) estreitar os laços entre a família dos alunos/ atletas com a escola; (d) desenvolver o senso de responsabilidade dos alunos.

Por fim, vale frisar que dois professores/treinadores afirmaram utilizar unicamente o método de ensino tradicional, tanto nas aulas de educação física quanto nas escolinhas de iniciação. Cabe compreender que os métodos de ensino “se comunicam” com os “princípios” atribuídos pelos professores/treinadores, processo de iniciação dê ênfase ao jogo, como a utilização dos jogos reduzidos e simplificados, o que facilita a aprendizagem promovendo a autonomia dos aprendizes, não invalidando em negando a utilização do método de ensino tradicional.

Conclui-se que a expectativa acerca da problemática ao longo do estudo, relativa à importância dos métodos de ensino do voleibol utilizados pelos professores/treinadores, foi correspondida, para além do que, as informações apresentadas reforçam a importância de prosseguir-se com as investigações sobre o tema, no sentido de que os profissionais da área possam aperfeiçoar seus conhecimentos, no contexto das aulas de Educação Física e Escolinhas Esportivas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. **A prática do minivoleibol nas escolas públicas de ensino fundamental de Curitiba.** Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Curitiba, PR, 2006.

ALVES, T. S. **Extensão universitária e formação profissional ampliada.** Revista de Educação Popular. n. 3, p.36-42, 2004.

AMERICAN SPORT EDUCATION PROGRAM (ASEP). **Ensinando voleibol para jovens.** (2ª ed.) Traduzido por Ugrinowitsch, C., & Barbanti, V. J. São Paulo: Manole Ltda, 1999.

BAACKE, H. **Mini volleyball.** In: CONFEDERAÇÃO Brasileira de Voleibol. Manual do Treinador. Brasília: Secretaria de Educação Física e Desportos; Subsecretária de Desportos, 1972.

BAACKE, H. **Mini volleyball: regras para crianças de 09 a 12 anos.** In: CONFEDERAÇÃO Brasileira de Voleibol. Manual do Treinador. Brasília: Secretaria de Educação Física e Desportos; Subsecretaria de Desportos, 1975.

BAACKE, H. **Mini-volleyball.** In: Federation Internationale de Volleyball, Coaches Manual I, Lausanne, 1989.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa, PT: Edições 70, 2008.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. **Voleibol escolar: uma proposta de ensino na dimensão conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 24, n. 2, p. 179-194, abr./jun. 2010.

BIZZOCCHI, C. **O Voleibol de Alto Nível - Da Iniciação à Competição.** 5.ed. São Paulo: Fazendo Arte Editorial, 2008.

BOJIKIAN, J. C.; BOJIKIAN, L. P. **Ensinando voleibol.** 4.ed. São Paulo: PHORTE EDITORA, 2012.

BORSARI, J. R. **Aprendizagem e Treinamento**. 4.ed. São Paulo: EPU, 2010.

CAETANO, Alessandra. **O jogo e o desenvolvimento moral nas aulas de educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Campinas, SP, 2013.

COSTA, L. C.; VIEIRA, J. N. **O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas**. R. da Educação Física/UEM Maringá, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2. 2004.

DAMAZIO, M. S.; SILVA, M. F. P. **O ensino da educação física e o espaço físico em questão**. PENSAR A PRÁTICA. 2008 Maio/Agosto; 11: p. 197- 2007

DARIDO, S. C. et al. **A educação física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.15, n.1, p.17-32, 2001.

DARIDO, S. C. et al. **Educação física no ensino médio: reflexões e ações**. Motriz, Rio Claro, v.5, n.2, p.138-45, 1999.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DIVINO, A. E. A. et al. **A extensão universitária quebrando barreiras**. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, Aracaju, v. 1. n. 16. p. 135-140, mar. 2013.

DURRWAECHTER, G. **Aprender jugando – Practicar jugando**. Doncel. Madrid, 1974.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOMES, Z. R. **Análise da realidade do espaço físico e a interação dos estudantes na prática da Educação Física da E. M. E. F. Nossa Senhora Aparecida**. Universidade de Brasília - Faculdade de Educação Física, Porto Velho- RO, 2012.

GRAÇA, A. B. S.; MESQUITA. I. **A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos**. Revista portuguesa de Ciências do Desporto. Porto, v.3, n.7, p. 401-421, 2007.

GRECO, Pablo J. **Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos**. In: GARCIA, E. S.; LEMOS M. K. L.(Org.). VI Temas Atuais em Educação Física. Belo Horizonte, 2001.

GRECO, P. J. **Iniciação esportiva universal 2: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

KOBAL, M. C. **Motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de educação física.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 1996.

KROGUER, C.; ROTH, K. **Escola da Bola. Um ABC para iniciantes nos jogos esportivos.** São Paulo: Phorte, 2002.

MARZINEK, A. **A motivação de adolescentes nas aulas de educação física.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Centro de Ciências da Educação e Humanidades, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2004.

MESQUITA, I. **A pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos 18 coletivos.** Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

MINAYO, M. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, C. M.; PEREIRA, J. M. **O ensino do conteúdo esporte na escola: o olhar dos professores iniciantes e professores experientes.** In: II Seminário de Estudos em Educação Física Escolar, 2008, São Carlos. Anais... São Carlos: CEEFE/UFSCar, p.33-60, 2008.

NETO, M. V. **Crenças do professorado de Educação Física das escolas públicas de Porto Alegre – RS/Brasil.** Movimento, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 145-169, jan./abr. 2003.

NUNES, A. L. P. F.; SILVA, M. B. C. **Mal-Estar e Sociedade**, ano IV, n.7, Barbacena, julho/dezembro 2011 - p. 119-133.

PAES, R. R. et al. **Pedagogia do Esporte: Iniciação e Treinamento em Basquetebol.** Rio de Janeiro. Editora Guanabara. Koogan. 2009.

PINHO, S. T. **Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual.** Motriz, Rio Claro, v.16 n.3 p.580-590, jul./set. 2010.

PINTO, C. B.; TREVISAN, T. V. **A importância do desenvolvimento das habilidades motoras na educação física infantil.** 8º Jornada Acadêmica do Curso de Educação Física-FAMES. São Gabriel, RS. 2014.

PRANDINA, M. Z.; SANTOS, M. L. **A educação física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área.** Horizontes – Revista de Educação, Dourados, MS, v.4, n.8, julho a dezembro 2016.

REIS, H. B. **O ensino dos jogos esportivizados na escola.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 1994.

RODRIGUES, A. L. L. et al. **Contribuições da extensão universitária na sociedade.** Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais - UNIT, v.1, n.16, p.141-148, 2013.

SANTOS, M. P. **Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário.** Revista Conexão UEPG, v. 6, p. 10-15, 2010.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e o jogo/brincadeira de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes.** Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003.

SILVA, M. F. P.; DAMAZIO, S. M. S. **O ensino da educação física e o espaço físico em questão.** Revista pensar a prática. v. 11, n. 2. 2008.

SILVA, M. S.; VASCONCELOS, S. D. Extensão universitária e formação profissional: **avaliação da experiência das ciências biológicas na Universidade Federal de Pernambuco.** Estudos em Avaliação Educacional, v. 17, n. 33, jan./abr. 2006.

SOMARIVA, F. G.; VASCONCELOS, D. I. C.; JESUS, T. V. **As dificuldades enfrentadas pelos professores de educação física das escolas públicas do município de Braço do Norte.** Anais V SIMFOP, ISSN 2175-9162. Tubarão: Junho de 2013.

TANI, G. **Comportamento motor e sua relação com a Educação Física.** Brazilian Journal of Motor Behavior, São Paulo, Vol. 1, No. 1, 20-31. 2006.

TANI, G. et al. **Aprendizagem motora: tendências, perspectivas e aplicações.** Revista paulista de Educação Física, São Paulo, v.18, p.55-72, ago. 2004.

TEIXEIRA, F. C. F.; SOARES, S. L.; FERREIRA, H. S. **A realidade dos professores de educação física no ensino fundamental I e II, em uma escola pública da sede do município de massapê - CE.** Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 22, n. 2, p. 572-587, maio/ago., 2018.

11 APENDICÊS

APÊNDICE A

INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS

Este procedimento é parte integrante de uma investigação desenvolvida através do PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (PIC - UFRPE). Nossa pesquisa tem por objetivo: analisar os métodos utilizados no processo ensino-aprendizagem do jogo de voleibol junto aos aprendizes, pelos professores/ treinadores de Educação Física nas aulas de Educação Física e nas escolinhas de iniciação ao voleibol, em escolas públicas e privadas da cidade do Recife.

- I. Lembramos o caráter anônimo do participante, com identificação do Professor(a)/Treinador(a) e demais dados para conhecimento apenas dos investigadores.*
- II. Destacamos a importância das respostas que possibilitarão a análise das informações recolhidas.*
- III. A seguir apresentamos o QUESTIONÁRIO.*

APÊNDICE B
Guia do Questionário

Local/ Data:

IDENTIFICAÇÃO do(a) PROFESSOR(A)/ TREINADOR(A):

Nome completo:



Escola(s) que trabalha com Iniciação ao Voleibol:



Data de nascimento:



1º Tópico:

1. FORMAÇÃO TÉCNICA E ACADÊMICA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO PROFESSOR(A)/ TREINADOR(A).

1.1. Qual o grau mais alto de sua instrução acadêmica?

(Definir cursos, instituições e anos de conclusão.)

Graduação/ Curso	Educação física
Instituição	
Ano de Conclusão	

Pós Graduação/ Curso	
Instituição	

Ano de Conclusão	
------------------	--

- 1.2. Qual o grau técnico mais alto no tocante à formação enquanto treinador(a)?
(Cursos Técnicos promovidos pela CBV e/ou FIVB – Definir o ano).



- 1.3. Há quanto tempo é treinador(a) de voleibol?

2º Tópico: Método de Ensino

- 2.1. Preencha as lacunas nas linhas correspondentes ao(s) método(s) que adota para ensinar o voleibol. Caso necessário, identifique mais que um método!

Métodos	Escola Pública e/ou Privada	Escolinha de iniciação	Aulas de Educação Física
Método Tradicional (Analítico-Sintético) Centralizado no desenvolvimento das habilidades técnicas, que devem ser aprendidas, inicialmente fora do contexto de jogo, para que depois possam ser progressivamente aplicadas às situações reais de jogo (GRECO. P.J. Iniciação esportiva universal 2: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998).			
Método Global (Global-Funcional) Método que propõe que a iniciação seja iniciada pelo todo (jogo) para chegar às partes (gestos técnicos) (PAES, R. R. et al. Pedagogia do Esporte: Iniciação e Treinamento em Basquetebol. Rio de Janeiro. Editora Guanabara. Koogan. 2009).			
Método do Minivoleibol Trata-se de uma organização metodológica, onde uma sequência pedagógica é inserida no contexto de pequenos jogos, com o tamanho das quadras e jogadores em número reduzidos, para auxiliarem no			

processo de iniciação ao Voleibol, de forma que as ações complexas sejam reduzidas a situações de jogos simplificados, correspondente ao estado de desenvolvimento dos jogadores. (BAACKE, H. Minivolleyball. In: Federation Internationale de Volleyball, Coaches Manual I, Lausanne, 1989).			
Teaching Games for Understand (TGUFU) O TGUFU assemelha-se a um estilo de ensino de descoberta guiada, em que o aluno é exposto a uma situação de jogo com os seus problemas táticos e é estimulado a procurar, verbalizar, discutir, explicar as soluções auxiliado pelas questões estratégicas do professor, com o objetivo de trazer a resolução do problema e respectivas soluções para um nível de compreensão consciente e de ação intencional sobre a tática do jogo. {GRAÇA, A., & MESQUITA, I. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. In: Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 7(3), 401-421, 2007			
Método Situacional O método situacional é constituído por formas próprias de condutas, onde o aprendiz deve adquirir uma capacidade geral do jogo. Estes jogos devem ser apresentados de forma que os praticantes vivenciem situações o mais próximo possível da realidade do jogo (PINHO, Silvia Teixeira de; ALVES, Daniel Medeiros; GRECO, Pablo Juan and SCHILD, José Francisco Gomes. Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares. Motriz: rev. educ. fis. (Online) [online]. 2010, vol.16, n.3, pp.580-590. ISSN 1980- 6574. http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n3p580)			
Caso não tenha encontrado o método que utiliza para ensinar o voleibol, acima descrito, por favor, descreva-o:			

--	--	--	--

2.2. Por quais razões utiliza o(s) método(s) que indicou no item 2.1?



2.3. Indique na coluna da direita, qual a ordem pedagógica que utiliza em relação ao ensino dos gestos/ fundamentos técnicos/ ações (A cada linha indicar qual o(s) 1º(s)?; 2º(s)?; 3º(s)? E assim por diante.).

Gestos Técnicos/ Fundamentos	Ordem
Posições básicas e deslocamentos	
Toque	
Manchete	
Saque por baixo	
Saque por cima	
Cortada	
Bloqueio	

2.4. Quais as dificuldades mais recorrentes que têm encontrado ao longo dos processos de iniciação ao voleibol e como as tem superado?

1)

2)

3)

Encerramos o questionário perguntando se quer acrescentar alguma informação que julgue importante e que não tenha sido questionada. Caso queira retificar suas respostas, complementando ou suprimindo alguma informação poderá fazê-lo até trinta dias a partir desta data quando os dados colhidos serão incluídos no nosso trabalho de pesquisa.

Caso tenha interesse em receber os dados conclusivos deste estudo, apresente o endereço eletrônico e/ou residencial para que possamos enviá-lo.

Endereço Eletrônico:

Endereço Residencial:

Telefones:

Gratas, ficamos à disposição através dos seguintes contatos:

- ✓ Celular: 81.988510090
- ✓ E-mail: analuizavieira@hotmail.com

Recife, 24 de março de 2018.

Ana Luiza Barbosa Vieira

Professora Orientadora

Maíra Gabriela Santana do Nascimento

Acadêmica